

**O MOVIMENTO CASA DA PONTE E A UNIVERSIDADE: Preservando a Memória Coletiva e a Cultura de Itauçu**

**THE MOVEMENT OF THE BRIDGE HOUSE AND THE UNIVERSITY: Preserving the Collective Memory and the Culture of Itauçu**

GRANGEIRO, Alessandra Carlos Costa<sup>1</sup> (UEG)

PAULA, Rúbia Garcia de<sup>2</sup> (UEG)

BORGES, Fábio Júlio de Paula<sup>3</sup> (UEG)

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo refletir sobre o Movimento Casa da Ponte de Itauçu-Go (MCP), surgido em 2014, considerado essencial para a preservação da memória coletiva e da cultura da cidade de Itauçu. A abordagem desse tema pressupõe as reflexões de Edgar Morin em *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (2011). Este trabalho considera o conhecimento a partir de um princípio epistemo-metodológico que permite a inserção da subjetividade dos sujeitos envolvidos, ou seja, a partir de uma perspectiva transdisciplinar, porquanto pondera que o ensino de literatura, no Ensino Superior, não deva desvincular-se nem da sociedade e nem do indivíduo. Esta pesquisa é bibliográfica, mas mantém uma articulação com a sociedade. No que diz respeito à base teórica, a pesquisa é sustentada pelas reflexões de Maurice Halbwachs, em *Memória coletiva* (2006), e de Paul Ricoeur, em *A memória, a história, o esquecimento* (2007). E, quanto à histórica, o trabalho de José Braga Coelho, *De Catingueiro Grande a Itauçu: a formação de um espaço urbano* (2001), dentre outros, será de grande relevância. Os resultados dessa pesquisa foi a compreensão da importância do diálogo que deve existir entre a universidade e a comunidade com vistas à ampliação do desenvolvimento cultural das cidades do interior de Goiás.

**Palavras-chave:** Casa da Ponte. Universidade. Restauro. Cultura. Memória.

**Abstract:** This article aims to reflect on the Movimento Casa da Ponte de Itauçu-Go (MCP), which emerged in 2014, considered essential for the preservation of the collective memory and culture of the city of Itauçu. The approach of this theme presupposes the reflections of Edgar Morin in *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (2011). This work considers the knowledge from an epistemological-methodological principle that allows the insertion of the subjectivity of the subjects involved, that is, from a transdisciplinary perspective, since it considers that the teaching of literature in Higher Education should not be dissociated neither of society nor of the individual. This research is bibliographical, but maintains an articulation with the society. Regarding the theoretical basis, the research is supported by the reflections of Maurice Halbwachs, in *Memória Coletiva* (2006), and Paul

---

<sup>1</sup>Alessandra Carlos Costa GRANGEIRO, professora na Universidade Estadual de Goiás, Brasil. Mestre e Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (1999/2011). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Portuguesa. Tem feito investigação acerca do ensino de literatura numa perspectiva transdisciplinar, principalmente nos seguintes temas: tempo, espaço, memória e história. alessandraccosta@gmail.com.

<sup>2</sup>Rúbia Garcia DE PAULA, bacharela em Direito pela UFG, aluna de pós-graduação *latu sensu* em Docência Universitária na UEG, campus Inhumas, onde cursa o 1º período de Letras e desenvolve o projeto de extensão “Saraneando o que há de bom: a produção poético-literária em Itauçu”, coordenado pela Prof. Dra. Alessandra Carlos Costa Grangeiro. Integra o Movimento Casa da Ponte de Itauçu-Go. rubia.rgp@gmail.com.

<sup>3</sup>Fábio Júlio de Paula BORGES, acadêmico do curso de Letras - Língua Portuguesa/ Língua Inglesa e suas respectivas literaturas da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Inhumas. Membro do Grupo de Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa/GEPELLP - CNPq. E-mail: depaulafabio@outlook.com.

Ricoeur, in *A memória, a história, o esquecimento* (2007). As for the historical, the work of José Braga Coelho, *De Catingueiro Grande a Itauçu: a formação de um espaço urbano* (2001), among others, will be of great relevance. The results of this research were the understanding of the importance of the dialogue that must exist between the university and the community with a view to expanding the cultural development of the cities of the interior of Goiás.

**Keywords:** Bridge's House. University. Restoration. Culture. Memory.

## INTRODUÇÃO

A modernidade, segundo a definição de Baudelaire (2002), “é o transitório, o efêmero, o contingente”. O que se tem chamado de modernidade pode ser percebido tanto no processo de desenvolvimento tecnológico da sociedade quanto no conhecimento produzido por intelectuais atentos às mudanças ocorridas no seu período histórico. As mudanças são, cada vez mais, velozes e afetam os valores construídos ao longo da história. A transformação e/ou anulação dos valores que sustentam os vínculos entre comunidades faz com que haja um processo de desintegração e o sujeito passa a ter dificuldades de lidar consigo mesmo e com os seus semelhantes. Desse modo, as relações tornam-se mais fluidas e menos duradouras. Se, por um lado, constatamos crescentes transformações provocadas pela modernidade, por outro, podemos observar uma resistência a elas e um sentimento desejoso de tradição, de permanência.

Este artigo parte de uma pesquisa bibliográfica e, principalmente, empírica, já que os autores, Rúbia Garcia de Paula e Fábio Júlio de Paula Borges, são, além de pesquisadores, membros do MCP e, portanto, mantêm um vínculo e uma vivência com as manifestações da sociedade itauçuense. No que diz respeito à base teórica, a pesquisa é sustentada pelas reflexões de Maurice Halbwachs, em *Memória coletiva* (2006), e Paul Ricoeur, em *A memória, a história, o esquecimento* (2007). E, quanto à histórica, nossa leitura será sobre a história de Itauçu, escrita por José Braga Coelho, *De Catingueiro Grande a Itauçu: a formação de um espaço urbano* (2001), dentre outros.

Levando-se em conta esse contexto, este artigo tem como objetivo refletir sobre o Movimento Casa da Ponte de Itauçu-Go (MCP)<sup>4</sup>. O MCP, legalmente representado pela

---

<sup>4</sup>“O Movimento Casa da Ponte de Itauçu/Go (MCP) tomou corpo nas entranhas da sociedade civil, surgindo, inicialmente, entre amigos, no ano de 2014, após se reunirem em dois saraus idealizados pela escritora Lucinda Prado, denominados 1º e 2º Sarau Amigos de Itauçu. A partir dessa confluência de artistas, foram identificadas lacunas na valorização da cultura itauçuense. Uma delas é a ausência de local apropriado às manifestações artístico-culturais. Outra, as ruínas do imóvel histórico mais antigo da cidade, a querida “Casa da Ponte”. Assim, entre contos, debates, histórias, poesias e estórias postadas, sobretudo, no *Facebook*, acabaram convergindo os sonhos para uma grande luta: a restauração da Casa da Ponte e a implantação, nas dependências, do Museu da

Fundação Cultural e Museu da Memória Casa da Ponte de Itauçu/Go, surgido em 2014, tem como propósitos restaurar o imóvel de 1932, preservar as manifestações culturais locais e ser um local de capacitação de crianças, jovens e adultos. Surgido fora do mundo acadêmico, ganha espaço e relevância dentro da Universidade, especificamente, nos limites do ensino, da pesquisa<sup>5</sup> e da extensão<sup>6</sup> na área de Literatura Brasileira, do Câmpus UEG/Inhumas.

A abordagem desse tema pressupõe as reflexões de Edgar Morin em *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (2011) e, portanto, os problemas que se põem diante de nós, concernentes ao ensino de literatura no ensino superior, são os seguintes: 1) Como pensar uma metodologia que dê conta da articulação dos conteúdos de literatura com a sociedade e com a subjetividade dos discentes? 2) Como considerar as mudanças e as demandas da sociedade e, ao mesmo tempo, contribuir para a preservação da memória coletiva e da cultura da comunidade na qual os discentes estão inseridos? 3) Como a universidade deve cumprir seu papel no ensino, na pesquisa e na extensão e provocar mudanças significativas na sociedade, no caso específico, no estado de Goiás, na cidade de Itauçu?

Logo, então, esses questionamentos nos farão explanar o conhecimento a partir de um princípio epistemo-metodológico que permita o olhar dos sujeitos envolvidos, ou seja, a partir de uma perspectiva transdisciplinar, pois consideramos que o ensino de literatura, no Ensino Superior, não deva desvincular-se nem da sociedade e nem do indivíduo. Além disso, consideramos que esse ensino não deva se restringir aos limites da sala de aula, ao contrário, as reflexões feitas em sala de aula deverão ser úteis para a promoção do diálogo e da

---

Memória, bem como a construção da Casa da Cultura, que engloba o Auditório e a Escola de Artes”. (DE PAULA e GRANGEIRO, 2017).

<sup>5</sup>O projeto de pesquisa do acadêmico Fábio Júlio de Paula Borges: “A reconstrução da história de Itauçu, por meio de um romance histórico” teve como objetivo investigar e reconstruir a história de Itauçu, desde a sua fundação até o ano 2000. Já o da acadêmica Rúbia de Paula Garcia: “A explosão poético-literária em Itauçu-Go: uma abordagem dos anos 90 aos dias atuais”, iniciado antes do seu ingresso na Universidade, tem ganhado espaço dentro da academia. Esse projeto em como objetivo catalogar os escritores, e suas respectivas obras, de Itauçu. Ambos os projetos de pesquisa estão vinculados aos da Profa. Dra. Alessandra Carlos Costa Grangeiro: “História, Cultura e Literatura em Goiás: uma religação de saberes” e “A poesia e a história em Goiás: uma religação de saberes”.

<sup>6</sup>O acadêmico Fábio Júlio de Paula Borges, desde o seu ingresso na academia (2015), tem desenvolvido projetos de extensão, por meio da universidade, em escolas de Itauçu. Esses projetos estão vinculados, também, à disciplina de Literatura Brasileira, são eles: “Altas Literaturas x Literatura Popular: diálogos e convergências” (2015); “História e Literatura em Itauçu: uma religação de saberes” (2017) e “História, Cultura e Literatura em Goiás: diálogos entre a universidade e a comunidade” (2018). A acadêmica Rúbia Garcia de Paula ingressou, em 2017, no curso de Letras da UEG, câmpus Inhumas, e, desde então, se integrou a esses projetos, também coordenados pela profa. Dra. Alessandra Carlos Costa Grangeiro. Esses alunos, membros do MCP, perceberam que os objetivos desse movimento tinham uma relação muito estreita com esses projetos de pesquisa e de extensão, visto que estão relacionados à história, à cultura e à literatura do Estado de Goiás. Ao mesmo tempo, a comunidade acadêmica tem percebido a importância do MCP, uma vez que, sendo concretizado o restauro, a Casa da Ponte poderá vir ser o espaço onde os projetos de extensão serão desenvolvidos. Compreendido por essa perspectiva, a Casa da Ponte seria, também, um espaço de diálogo entre a universidade e a comunidade.

transformação da sociedade, isto é, esse ensino deve causar impactos reais na comunidade, promovendo a inclusão, o respeito, o acesso ao conhecimento, o estímulo à compreensão da cultura e da história local.

Diante o exposto, evidenciamos a importância da indissociabilidade entre a pesquisa, o ensino e a extensão, no Ensino Superior, para a efetivação da atuação da Universidade na sociedade. Desse modo, o diálogo entre o MCP e a Universidade Estadual de Goiás poderia ser um caminho, também, para a aproximação de objetivos comuns, quais sejam: a ampliação e a propagação do conhecimento, da memória, da cultura e da história de Itauçu, contribuindo para a elevação artística e crítica dos itauçuenses.

Assim, no intuito de considerar a atuação do MCP na preservação dos saberes locais, dividimos a pesquisa em duas partes: 1) A memória, a história, o esquecimento e 2) Itauçu e a Casa da Ponte: uma imagem de permanência e estabilidade. Nossas considerações finais apontam para a relevância de pesquisas e trabalhos como este, tendo em vista que julgamos, por meio deles, promover, efetivamente, diálogos, reflexões e apontamentos sobre/para o desenvolvimento social e cultural do estado de Goiás.

## **1. A memória, a história, o esquecimento**

A obra de Ricoeur, cujo título é o mesmo deste tópico, é dividida em três grandes partes: a primeira enfoca a memória e os fenômenos relacionados a ela, a segunda é dedicada à história, e a terceira faz uma reflexão sobre o esquecimento. Essas três partes são bastante articuladas e nelas há um fio condutor do pensamento: a representação do passado. Essa preocupação de Ricoeur tem sido também a nossa, por isso, temos trabalhado o ensino da literatura por meio da temática “história, tempo e memória”. No caso dos estudos e reflexões sobre o MCP, acrescentamos a temática do espaço. A grande questão é que o tempo tende a fazer tudo desaparecer, mas os historiadores insistem em fazer com que alguns acontecimentos sejam lembrados, mas, paradoxalmente, alguns são relegados ao esquecimento. A proposta de Ricoeur é manter uma política da justa memória, não conservando uma memória seletiva que atenda alguns interesses pessoais.

O MCP tem dois objetivos básicos: restaurar um espaço, construído em 1932, e fazer dele um lugar de preservação da memória coletiva de Itauçu. Essa preservação evitaria a destruição do passado, mantendo a lembrança daquilo que muitos estão se esquecendo. Bergson é o grande nome sobre estudos da memória. Ele aborda a memória como algo

conservado no inconsciente do indivíduo, e essa memória é, no ponto de vista dele, individual. Halbwachs, seu aluno, não desconsidera as contribuições dele, mas defende a ideia de que a memória é coletiva, pois as lembranças não se referem somente a estados afetivos individuais desvinculados de lembranças de pessoas da nossa família e do nosso convívio, de uma forma geral. Além disso, elas também estão, ou podem estar, vinculadas a acontecimentos históricos significativos que tiveram impacto na comunidade na qual estamos inseridos.

De acordo com Halbwachs (2006, p. 113), o tempo sempre nos traz um “impiedoso constrangimento” e isso ocorre por diversas razões, seja porque em alguns momentos sentimos que o tempo passa devagar e deveria passar mais rápido, seja o contrário disso ou, o que é mais constrangedor, nos encaminha para a velhice e, portanto, para a morte. A sucessão do tempo está relacionada à ordem de encadeamento dos fenômenos da natureza, mas, ao mesmo tempo, há a sucessão das diversas fases da vida social, visto que “a vida em sociedade implica em que todos os homens entram em acordo sobre tempos e durações, e conhecem muito bem as convenções de que são objeto” (HALBWACHS, 2006, p. 113). Por conta disso, é inquestionável a representação coletiva do tempo. De acordo com ele, “pode-se até dizer que as datas e as divisões astronômicas do tempo de tal maneira são recobertas pelas divisões sociais que desaparecem progressivamente e a natureza cada vez mais deixa à sociedade o cuidado de organizar a duração” (HALBWACHS, 2006, p. 114). Organizamos nossos compromissos sociais pelo relógio e não há questionamentos sobre isso, por essa razão há a constatação de que existe um tempo social que se origina dos pensamentos individuais, mas a sua imposição é externa, ou seja, vem da sociedade para o indivíduo.

A origem do tempo social vinculada aos pensamentos individuais explica-se pelo fato de que seres conscientes têm a sensação da duração interior, lugar também de sucessão de estados distintos. Cada indivíduo tem a sua própria duração e, por conta da regularidade da natureza, pela sucessão dos dias e das noites, mesmo um indivíduo fora do convívio social seria capaz de perceber essa sucessão por meio de sua própria experiência. Entretanto, essa sucessão de pensamentos individuais é sempre invadida por outros pensamentos que se cruzam, que se fundem e que, ao mesmo tempo, envolvem outras consciências, por isso a ideia de simultaneidade. O tempo é, então, ao mesmo tempo sucessivo e simultâneo. E o que torna nossa memória coletiva é, justamente, o rompimento da continuidade da nossa consciência individual por outra consciência e pelos objetos materiais que, também, se impõem à nossa percepção.

Assim, Halbwachs, por conta da simultaneidade, descarta a hipótese de durações puramente individuais que seriam impenetráveis. Sua tese é que nossa duração interior, nossa percepção individual, é sempre invadida por outras durações. Desse modo, nossas impressões afetivas sempre se manifestam por meio de imagens e de representações coletivas e, por esse raciocínio, ele chega à afirmação da existência de um tempo coletivo. Por um lado, temos tantas durações quantos indivíduos, ou seja, cada indivíduo corresponde a uma duração e, por outro lado, teríamos um tempo abstrato que é recoberto pelas divisões sociais.

Dessa forma, começamos a perceber de que modo o tempo nos importa: ele nos permite reter e lembrar-nos dos acontecimentos que nele ocorreram, quer dizer, as nossas lembranças estão inscritas em um contexto de dados temporais. Mais adequado que falar em tempo abstrato seria falar em tempo universal, mas, para Halbwachs, esse tempo não passaria de uma justaposição de histórias parciais cuja abrangência seria somente a vida de certos grupos. A memória coletiva é diferente da história e com ela não se confunde. A primeira retrocede no passado com certo limite de acordo com o grupo presente, além desse limite, é território da história.

Nesse ponto, devemos apontar o fato de o MCP se interessar tanto pela história quanto pela memória coletiva, mas, principalmente, pela memória coletiva, visto que o grupo de pessoas envolvido no movimento está mais interessado nos acontecimentos relacionados ainda ao pensamento dos grupos sociais atuais da cidade de Itauçu. A motivação desse interesse é a consciência do desaparecimento de grupos antigos, de seus pensamentos e de suas memórias. A constatação desse fato faz com que surja a preocupação de fixar a imagem e a ordem da sucessão dos fatos que só a memória é capaz de conservar por meio de textos, de objetos e da conservação de espaços como é o caso da Casa da Ponte. Há acontecimentos e tradições que os membros do MCP não querem que caiam no esquecimento. A cidade de Itauçu teve grandes momentos de glória no passado e esse grupo não quer que isso seja esquecido.

É, portanto, no tempo de determinados grupos que é possível a reconstrução de lembranças. O tempo é o meio contínuo, sem mudanças e “nele encontramos inscritos ou indicados os vestígios dos acontecimentos ou personalidades de outrora à medida que respondem e respondem ainda a um interesse ou a uma preocupação do grupo” (HALBWACHS, 2006, p. 146). E o grupo não é somente um conjunto de indivíduos, mas também é uma ordem de ideias, de interesses e de preocupações comuns concernentes às personalidades de seus membros. É isso que move o MCP. Dessa maneira,

[...] enquanto o grupo não muda sensivelmente, o tempo que sua memória abrange pode se alongar: é sempre um meio contínuo, que continua acessível para nós em toda a sua extensão. Quando se transforma, um tempo novo começa para ele e sua atenção progressivamente se afasta do que foi e agora não é mais. Mas o tempo antigo pode subsistir ao lado do tempo novo, e mesmo nele, para os membros do grupo a quem essa transformação menos tocou, como se o grupo antigo recusasse se deixar absorver inteiramente pelo novo, que saiu da sua substância. Embora a memória atinja regiões do passado em distâncias desiguais, segundo as partes contempladas do corpo social, não é porque uns têm mais lembranças do que os outros – mas porque as duas partes do grupo organizam seu pensamento em volta de centros de interesse que já não são exatamente os mesmos. (HALBWACHS, 2006, p. 149).

De fato, isso tem acontecido com o MCP. Há um tempo novo, um tempo de transformações que tende a reconfigurar a vida, até mesmo nas pequenas cidades, como é o caso de Itauçu. Entretanto, apesar do baixo contingente populacional, o município tem se destacado pela produção literária e pela realização de saraus, não permitindo que o tempo antigo seja absorvido pelo novo. Isso se dá, sobretudo, pela atuação de um grupo de artistas locais e, por isso, o MCP, ao qual muitos desses artistas estão vinculados, quer preservar bens materiais e imateriais. Os artistas, cientes do desenvolvimento econômico da cidade de Itauçu, bem como de suas manifestações culturais no passado, perseveraram na recuperação desse passado, cujos vestígios evidenciam um dinamismo mais intenso que o da realidade atual. A Casa da Ponte precisa ser restaurada e ela será o espaço de divulgação da história e das tradições da cidade, além de ser espaço para a formação de crianças, jovens e adultos. O que mais se conserva na memória do grupo é o espírito de seus fundadores, ou seja, o daqueles que colocaram os fundamentos iniciais da cidade e que não desejam ser esquecidos. A chegada do novo sempre transforma a sociedade, mas o passado sempre deixa seus vestígios e são eles que evidenciam a permanência e a continuidade do tempo.

Essa permanência, estabilidade do tempo, é a condição da memória, pois os acontecimentos se sucedem no tempo, mas ele, em si, parece imóvel e isso permite que a memória volte no tempo, retroceda no que, convencionalmente, chamamos de passado. Assim é que somos postos diante do grande paradoxo do tempo: ele passa nas consciências e nos faz envelhecer, mas, ao mesmo tempo, conseguimos imobilizar certas imagens de acordo com os interesses de grupos, como é o caso do MCP. É somente por isso que uma sociedade pode tomar consciência de si mesma, pois tem a possibilidade de olhar para os acontecimentos presentes, mas também para os acontecimentos passados. Se não pudesse retroceder no fluxo

do tempo e encontrar e pensar os vestígios deixados de si mesma, não poderia se reconhecer e criar nos grupos o sentimento de pertencimento. Dessa forma, percebemos, conforme as reflexões de Halbwachs, que a memória é uma forma de imobilizar o tempo e não deixar que tudo caia no esquecimento.

A história da Literatura Brasileira tem sido abordada pela relação que estabelece com a história do Brasil. Partimos, portanto, do pressuposto de que é essencial à literatura uma relação com a sociedade, sem deixar de lado seus elementos estéticos. Dessa forma, a disciplina de literatura é desenvolvida por meio de um embasamento na crítica histórica, que percebe no contexto cultural motivações para a produção e apreciação da obra, e ainda na estruturalista, pois consideramos a estrutura imanente do texto literário. Assim como Carpeaux, consideramos que a literatura existe no tempo e no tempo histórico. Ela não acompanha o ritmo do tempo histórico, mas o acompanha. Nas suas palavras, “a relação entre literatura e sociedade não é mera dependência: é uma relação complicada, de dependência recíproca e interdependência dos fatores espirituais (ideológicos e estilísticos) e dos fatores materiais (estrutura social e econômica) (CARPEAUX, 1978, p. 35).

Com base, também, nesses pressupostos, as pesquisas, desenvolvidas desde 2014, e a extensão são desenvolvidas por meio do fio condutor da história, do tempo e da memória. Assim, o estudo desses tópicos é articulado à diversidade cultural brasileira e à sua memória cultural, especialmente no que diz respeito à história, à cultura e à literatura goiana. A formação da Literatura Brasileira evidencia o quanto a memória cultural dos povos que formaram o povo brasileiro foi negligenciada, mas o percurso da consolidação da Literatura Brasileira aponta para a tentativa constante de consolidação de uma literatura nacional que levasse em conta a diversidade cultural brasileira, conforme se vê no Modernismo. Esse percurso tem feito os acadêmicos de Itauçu não apenas se interessarem pela história e pela literatura da própria cidade, mas também pela divulgação desse conhecimento por meio das ações extensionistas. É dessa maneira que os alunos do Ensino Fundamental têm conhecido a história e a literatura itauçuense.

O próximo tópico tratará da importância da cidade de Itauçu e a relação da Casa da Ponte com sua história e, portanto, da memória que nós, pesquisadores, autores desse artigo, e os moradores dessa cidade queremos preservar. Ao final, apontaremos a importância da preservação da Casa da Ponte, pois, mais do que nunca, o espaço dá a sensação da estabilidade que a passagem do tempo nos tira.



## **2. Itauçu e a Casa da Ponte: uma imagem de permanência e de estabilidade<sup>7</sup>**

Itauçu é um município da região central do Estado de Goiás. De acordo com José Braga Coelho (2001), o município é um marco divisor de bacias hidrográficas: as nascentes do lado norte seguem para a Bacia do Araguaia/Tocantins e as do sul, para a Bacia do Prata. Situado a 60 km da atual capital, Goiânia, e a 70 km da antiga capital, Cidade de Goiás, nas primeiras formações, o município era trajeto de tropeiro sem direção à antiga Vila Boa. Nessa época, as terras pertenciam ao município de Itaberaí, ou Curralinho, e era apenas uma fazenda: Três Barras. Conforme nos diz a historiadora Elisabeth Maria de Fátima Borges, “as tropas nela paravam seduzidas pelo clima ameno, pela abundância de águas e por se constituir num extenso descampado formado pelo capim catingueiro, o que mais tarde fez nomear o povoado de Catingueiro Grande” (BORGES, p. 23).

No início do século XX, com a construção de uma ponte sobre o Rio Paranaíba, houve maior penetração do centro-sul, sobretudo, por paulistas e mineiros, buscando terras férteis para a produção cafeeira. Nesse cenário, um tropeiro vindo do estado de Minas Gerais interessou-se pelas terras da localidade, resolvendo nelas estabelecer morada. Trata-se do coronel Ernesto Baptista de Magalhães que, em 1911, adquiriu parte de uma fazenda à margem direita do Rio Meia Ponte, dando início aos cafezais, que lhe dariam o título de maior produtor do Estado. Já em 1913, um casal vindo de São Paulo, Antônio Albino e Alzira Clemente, promoveu a formação do Catingueiro Grande após construir no local uma capela em homenagem a Nossa Senhora d’Abadia. O povoado cresceu ao redor dessa capela, sobretudo, após a construção da primeira rodovia do Estado, que passava por Campinas (hoje bairro de Goiânia) e Catingueiro Grande (patrimônio de Curralinho) até chegar à Vila Boa, antiga capital (BORGES, 2005, p. 23-26).

Posteriormente, em 1936, o povoado do Catingueiro Grande tornou-se Distrito Cruzeiro do Sul e, em 1948, emancipou-se de Itaberaí<sup>8</sup>, recebendo o nome tupi-guarani Itauçu, que significa Pedra Grande. De acordo com o geógrafo e historiador José Braga (2001, p. 9), “o homem se organiza no espaço, que é um produto social, resultado das atividades

---

<sup>7</sup> Parte desse tópico foi extraída, com modificações, do seguinte artigo: DE PAULA, Rúbia Garcia; GRANGEIRO, Alessandra Carlos Costa. *A gênese do Movimento Casa da Ponte de Itauçu/Go: preservação dos saberes materiais e imateriais de um povo*. Anais da Semana de Integração da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Inhumas: 2016, p.959-969. Disponível: <http://www.anais.ueg.br/index.php/semintegracao/article/view/8818/7040>. Consulta: 17 nov. 2017.

<sup>8</sup> Lei nº 175, de 11 de outubro.

humanas com o meio ambiente, estando em constante processo de alteração. E assim, deixando suas marcas neste espaço geográfico é que o homem constrói sua própria história”. Já Coelho (2001) explicita - ao falar sobre a aquisição das casas de pau a pique existentes às margens do Rio Meia Ponte em Itauçu por parte do Coronel Ernesto - que “com esse tropeiro iniciou-se um novo modelo de ocupação dessa região, diferenciando-se das isoladas e pequenas taperas até então ali existentes, que deveria ser estas referidas “taperas”, casas de pau-a-pique e teto de capim, construídas em pequenas posses de terras” (COELHO, 2001, p. 22).

Após esse processo de ocupação, a evolução da cidade de Itauçu seria irrefreável, construindo, assim, por homens e mulheres, casas e mais casas que abrigariam infinitas histórias. E são essas histórias que fazem parte da memória coletiva e, muitas vezes, aparecem configuradas nos limites dos textos literários. De acordo com Grangeiro (2016 p. 8), “o estudo da literatura de forma contextualizada e relacionada à história nos permite ver os indivíduos em sua singularidade e subjetividade, sua inserção social e histórica, suas paixões, amores, ódios, ambições e ciúmes”. E ainda: “Por meio da literatura, nos deparamos com a subjetividade humana num tempo histórico específico que interfere nessa subjetividade. A literatura, então, contribui para o conhecimento do ser humano e das suas relações sociais num dado tempo histórico.” (GRANGEIRO, 2016, p. 3). Daí a importância de um ensino que não desconsidera o espaço geográfico e a história dos quais os discentes fazem parte. A literatura apreende esses elementos e torna-se, também, um espaço de preservação de memória.

A preservação de espaços significativos, construídos ao longo do desenvolvimento histórico de um lugar, é uma forma, conforme vimos anteriormente, de dar estabilidade às contínuas mudanças provocadas pela passagem do tempo e pela transitoriedade da modernidade. A casa da ponte da Cidade de Goiás, hoje Museu Casa de Cora Coralina, é um exemplo disso. Nela viveu a poeta que habita o imaginário popular, principalmente, pela personalidade da moradora: mulher, escritora e doceira. Da mesma forma, a Casa da Ponte de Itauçu-Go – configurada nos limites da literatura, nos contos dos escritores itauçuenses, “A casa”, de Lucinda Prado (PRADO, 2013), e “Aquela Casa”, de Hailton Correa (CORREA, 2015), assim como a casa da ponte da Cidade de Goiás foi nos contos de Cora Coralina – permeia a mítica da cidade, sobretudo, pela figura do antigo morador, coronel Ernesto

Magalhães. Essas casas possuem em comum, além da óbvia localização, e das “muitas janelas” (DOURADO, 1995, p.13)<sup>9</sup>, um elemento imaterial: o mito.

O mito, além de ser um relato de tradição oral que perpassa o tempo, pode ser encontrado, também, na literatura<sup>10</sup>. No parágrafo anterior, ele corresponde à figura de Cora e à do Coronel Ernesto. Antes, porém, de explanarmos sobre os mitos que permeiam a memória coletiva, a tradição oral e a literatura de Itauçu, passemos ao importante elemento físico, a própria Casa.

A Casa da Ponte de Itauçu-Go é o prédio mais antigo da cidade que ainda resiste às intempéries, apesar do delicado estado de conservação. Foi erguida sob o patrocínio do pai do historiador Chafi José, o libanês Gabriel José, um comerciante vindo de Ipameri, em 1925, a convite do pioneiro Antônio Albino, ano em que o historiador Chafi José nasceu, já em Itauçu (CHAFI, 2017). Na fachada, há a data da construção: 1932. No prédio, após muitas reformas, identificamos vários estilos: colonial, *art déco*, operário, *belle époque* (FUNDAÇÃO, 2017).

O imóvel é popularmente conhecido como “Casa da Ponte” porque foi erguido nas proximidades da ponte sobre o córrego Maria da Silva que, a poucos metros, deságua no nativo rio Meia Ponte, importante abastecedor de água do Estado. Segundo Coelho (2001), “na Fazenda Mato Dentro, de propriedade do senhor Irani Afonso Vieira, está a nascente do Rio Meia Ponte, que é o principal rio do Estado de Goiás, onde, em sua bacia, se concentram dois terços da população goiana”. Para compreender a importância do rio, não só pelo fornecimento essencial da água, mas também pelo patrimônio cultural imaterial, vejamos o que diz Raíssa Santos José (2005, p. 65): “A nascente do Rio Meia Ponte já foi palco de reuniões entre familiares e amigos, segundo depoimentos era comum as pessoas se reunirem

---

<sup>9</sup> Essa citação de Dourado refere-se à casa da ponte ficcional descrita em “O risco do bordado” cuja existência desperta fantasias no personagem João pelos dotes físicos da meretriz Teresinha Virado (DOURADO, 1995, p. 13-69).

<sup>10</sup> O mito narra um acontecimento; mas, além disso, o mito dá respostas a questões que a razão humana não pode compreender. Dessa forma, o mito tenta explicar o inexplicável. Considerando esse aspecto do mito é que podemos pensar em obras de caráter mítico ou fantástico, que apelam para soluções transcendentais ou sobrenaturais de problemas que a consciência humana não consegue resolver. O tratamento mítico de um tema pressupõe, portanto, sempre um conflito existencial. Aqui se pode perceber a filiação da “mitologizada” moderna ao primitivo: lembre-se que o mito antigo relata acontecimentos que são determinantes da existência e da condição humana enquanto tal. É nesse sentido que se pode falar em mitologização em obras como, O processo, de Kafka, ou Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa, cujo fulcro é a reflexão sobre a condição do homem no mundo (MONFARDINI, 2005, p. 54 – 55).

nesse local, para poderem colocar a conversa em dia, descansar da rotina puxada de uma semana intensa de trabalho”.

Mas, mais do que pano de fundo aos transeuntes devido à localização geográfica, a Casa da Ponte foi, também, coadjuvante na história de formação do povo genuinamente itauçuense, sobretudo, quando abrigou, temporariamente, a primeira escola do povoado.

Além desse fato, contribui para a relevância cultural imaterial do prédio a história do ilustre morador, o coronel Ernesto Magalhaes que, segundo conta o historiador Chafi José (2017), adquiriu a Casa e para lá mudou por volta de 1948, quando já havia perdido o título de maior produtor de café do Estado de Goiás (COELHO, 2001) e a região já se dedicava à pecuária. De acordo com Raíssa (2005, p. 67), “o financiamento para que a produção de café de Itauçu viesse a ser substituída pela pecuária de gado foi feito porque, no começo da década de 1930, o coronel Ernesto Magalhães havia perdido toda a sua produção de café, em decorrência de uma forte geada”. José complementa: “O coronel, pouco após a mudança para a Casa, faleceu no imóvel, por volta de 1952” (CHAFI JOSÉ, 2017).

Ocorre que em torno da prosperidade econômica e do título social de “coronel”, difundiam-se várias histórias vindas do imaginário popular. As mais modernas falam de assombrações: passos noturnos no prédio desabrigado, barulhos de correntes, imagens na parede. Possivelmente são oriundas da lenda mais comum sobre o coronel que, conforme o repertório popular, tinha pacto com o diabo. A entidade vivia guardada numa garrafa e, quando o coronel morreu, magro e peludo, o corpo foi levado por ela. Deixou, no lugar do falecido, um tronco de bananeira. Coelho (2001, p. 30 - 31) entrevistou a neta do coronel e desvenda o mistério:

Segundo ela, seu avô veio acamar-se, dado a uma doença que o deixou muito magro e convalescente, que era “câncer” no pulmão. É uma filha do coronel que ficou cuidando do enfermo, como era muito sistemática o privava de receber visitas, a não ser dos mais íntimos da família. A doença, portanto, explica o motivo de ficar esquelético no final de sua vida. Quanto a ficar peludo é apenas lenda. De acordo com dona Wilma, em seus momentos o senhor [sic] Ernesto pediu para ser sepultado na cidade de Goiás, junto à sepultura de seu filho que havia morrido ainda jovem. Pediu também que sua morte fosse publicada e queria que todos seus empregados participassem do velório. No entanto, seu pedido foi atendido apenas parcialmente, pois em Itauçu não teve velório, sepultando-o na cidade de Goiás na presença apenas dos familiares e alguns amigos mais íntimos.

Outra lenda, cronologicamente anterior à primeira citada, porém menos difundida, e transcrita por Coelho (2001), refere-se a uma praga rogada sobre Raimundo Magalhães, Dico,

filho do coronel. Saindo para uma viagem, Dico ameaça derrubar a igrejinha em construção após o seu retorno. Com isso, o padre teria dito ao rapaz que para a viagem ele iria, mas não regressaria. Então, chegando à Vila Boa, fora acometido pela febre terçã e faleceu no local. A partir daí, o Coronel que, segundo contam, era contrário ao crescimento e ao desenvolvimento do local, passou a impulsioná-lo.

Há, ainda, a lenda sobre o senhor Werciley, marido de Dona Ernestina, conforme relata Jorge Belim (2012) em comentários sobre a foto da Casa, no *Facebook*: “Uma empregada do senhor Werciley, daquelas que moram no emprego, varou madrugadas cavando o quintal desta casa à procura de um pote de ouro que o Sr. W. enterrara ali em outros tempos”.

Por todo o incontestável valor material e imaterial, a Casa da Ponte foi tombada patrimônio histórico municipal, em 2013. Todos os trâmites legais, sociais e culturais para a restauração do imóvel e a preservação da memória local estão sendo realizados pelos voluntários do Movimento Casa da Ponte de Itauçu-Go (MCP), em parceria com os poderes executivos, legislativos e a população. Preservando essa memória, o MCP não deixará a história e as manifestações culturais de Itauçu caírem no esquecimento. Sobre essa questão, assim se manifesta Eric Hobsbawn, em *Era dos Extremos*:

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio (HOBSBAWN, 2000, p. 13).

A destruição do passado, no sentido do seu esquecimento, gera uma falta de pertencimento dos indivíduos na comunidade e, além disso, de acordo com Augusto COMTE (*apud* Halbwachs, 2007), nosso equilíbrio mental é resultante, dentre outras coisas, da sensação de estabilidade que os objetos materiais nos dão. Ao contrário, a perturbação psíquica ocorre quando há o rompimento do contato entre os nossos pensamentos e as coisas. Isso significa que a permanência e a estabilidade de um espaço como o da Casa da Ponte geram essa sensação de imobilidade diante do fluxo ininterrupto do tempo. As imagens espaciais são essenciais para a consolidação da memória coletiva. Halbwachs cita os exemplos de Paris e de Roma. Essas cidades, apesar das crises e das revoluções que

presenciaram, ao restaurarem seus espaços, criaram a sensação de que a continuidade da vida ali jamais foi interrompida. Isso ocorre porque:

[...] não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço – o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça (HALBWACHS, 2006, p. 170).

A restauração da Casa da Ponte dará a possibilidade de imobilização e duração do pensamento dos itauçuenses. Essa é a condição da memória: ela quer imobilizar e fazer durar, por isso ela se esforça para reter o fluxo do tempo que tanto afronta os seres humanos e dar-lhes a exata dimensão do que são: seres finitos e mortais. Se não houver a busca de uma transcendência, esse fluxo do tempo, ainda que imobilizado pela memória, gera uma angústia no homem, difícil de ser superada.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O MCP tem lutado para que a memória, a história e a cultura de Itauçu não sejam esquecidas. A cidade possui mitos que rondam personagens históricos, que reforçam ainda mais a tradição oral e a perspectiva cultural de Itauçu. Uma das formas que o MCP tem encontrado para alcançar a sociedade e não permitir o esquecimento dessa memória são os saraus na rua. Vimos, portanto, que, tanto o MCP, quanto a Universidade têm desenvolvido ações que visam despertar o espírito cultural de Itauçu.

O evento de lançamento do romance histórico *Quando o Céu Cai* e do documentário *Retrato e Ficção: reconstruindo a história de Itauçu* foi o primeiro encontro para a aproximação de autoridades locais, de membros do MPC e da universidade, tendo em vista um possível diálogo. O evento contou com a presença das principais autoridades municipais e a comunidade em geral. Na ocasião, foi discutida a importância da articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, uma vez que essa articulação aproxima a universidade da sociedade.

Tendo como ponto de partida o poema *Tecendo a manhã*, de João Cabral de Melo Neto, no evento em questão, discutimos a possibilidade de podermos melhorar as condições de vida na cidade e, por consequência, fortalecer as condições de existência nas cidades do interior de Goiás. O resultado disso seria a permanência dos jovens nas cidades do interior, o que promoveria resultados mais satisfatórios em vários âmbitos como, por exemplo, no familiar, uma vez que os jovens não teriam necessidade de deixar a casa dos pais tão cedo, por conta da falta de mercado de trabalho, e no econômico, visto que numa cidade, cuja maioria dos habitantes é de idosos, a economia fica estagnada.

Essa discussão também não desconsiderou os problemas globais atuais. Muitos jovens do interior têm migrado para outros países. Além de encontrarem péssimas condições de vida nessas novas localidades, têm aumentado os problemas no que diz respeito aos fluxos migratórios. Portanto, é preciso criar condições de trabalho na esfera local. A interiorização da Universidade Estadual de Goiás tem levado isso em consideração. Os jovens devem ter oportunidades nas cidades nas quais cresceram e a esfera pública municipal deve investir em políticas públicas que resultem em oportunidades para jovens. Questionamos como Itauçu tem sido afetada pela saída de jovens em busca de novas oportunidades.

Dentro do contexto dessas discussões, reafirmamos a importância para o município de como, por exemplo, o Movimento Casa da Ponte (MCP), apoiado pelas autoridades municipais, poderia contribuir para a formação de crianças, jovens e adultos. Os integrantes pretendem, além de preservar a memória coletiva da cidade, ter um espaço de convivência, de formação de leitores, por meio de oficinas literárias, de concursos literários etc. Além disso, o espaço, em parceria com a Universidade, poderia promover a agenda cultural da cidade. Na realidade, isso poderia resultar no seu renascimento cultural, visto que Itauçu possui inúmeras riquezas literárias, culturais, históricas etc. que abarcam mitos e acontecimentos passados relevantes como, por exemplo, a visita de Getúlio Vargas (COELHO, 2001), no momento em que ele impulsionava a marcha para o oeste, e a de Juscelino Kubitschek (JOSÉ, 2009). Esse renascimento cultural poderia atrair pessoas da região e, até mesmo, de regiões mais distantes. Para que essas questões se concretizem, é preciso que haja a iniciativa de líderes e o interesse por parte da população, como parece ser o caso em Itauçu.

Toda essa discussão e abordagem pressupõe o enfoque no ensino de Literatura Brasileira, na universidade, pois acreditamos que ele deve contribuir para que os alunos compreendam

melhor a realidade na qual estão inseridos. A produção do conhecimento dentro do novo paradigma da educação, conforme apontam os documentos que têm norteados essas discussões, só tem razão de ser se melhorar as condições de vida dos alunos, e não somente as condições econômicas, mas também as intelectuais, as éticas e, até mesmo, as emocionais. Acreditamos que o ensino de Literatura pode proporcionar essas mudanças. Por todo o exposto, consideramos esses estudos relevantes, não somente para o contexto goiano, mas também para o regional, nacional e/ou global.

Assim como Cora Coralina e os vilaboenses não permitiram a decadência da Cidade de Goiás por conta da transferência da capital, os escritores de Itauçu, juntamente com as autoridades municipais, podem fazer voltar a agitação cultural que um dia a cidade teve. A memória se conserva, mas também se reconstrói. E, na reconstrução, os fatos podem ser muito mais elevados do que na realidade foram e isso impulsiona ações culturais significativas no presente. Uma parceria entre MCP, autoridades locais e Universidade seria de extrema importância para a elevação intelectual e econômica de Itauçu. É preciso tecer a manhã juntos. Um galo sozinho não a tece. É preciso tecer algo que se eleva por si, como a luz balão.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Rui França. *Memória de Um Sexagenário* – Capítulo 45. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ruifrancabarbosa.franca/posts/1445840362134963>>. Consultado em 08/05/2017.
- BELIM, Jorge. *Esta casa pede socorro*. Facebook, 05/03/2012. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=185976978181559&set=t.100003077738484&type=3&theater>>. Consultado em 05/05/2017.
- BORGES, Elisabeth Maria de Fátima. *Itauçu: sonhos, utopias, e frustrações no movimento camponês*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2005.
- BORGES, F. J. *Quando o Céu Cai*. Itauçu/Go: Heitor Amaral Pereira, 2017.
- BORGES, F. J. *Retrato e Ficção: Reconstruindo a História de Itauçu*. Itauçu/Go, 2017.
- CARPEAUX, Otto Maria. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *História da literatura ocidental*. 2. ed. Rio de Janeiro: Alhambra, 1978. p. 15-36.
- COELHO, José Braga. *De Catingueiro Grande a Itauçu: a formação de um espaço urbano*. Monografia (TCC) – Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2001.



CORREA, Hailton. *Sarau de Itauçu*: promoção à cultura e ao resgate de nossa identidade. Diário da Manhã, Goiânia: 06/05/2017.

\_\_\_\_\_. *Aquela Casa*. Diário da Manhã, 10/10/2015. Disponível em: <[http://m.dm.com.br/#/conteudo?url=/opinioao/2015/10/aquela-casa.html&\\_k=4tokkr](http://m.dm.com.br/#/conteudo?url=/opinioao/2015/10/aquela-casa.html&_k=4tokkr)>. Consultado em 10/05/2017.

DOURADO, Autran. *O risco do bordado*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

FUNDAÇÃO CULTURAL E MUSEU DA MEMÓRIA CASA DA PONTE DE ITAUÇU-GO. 4º Sarau Casa da Ponte. *Folder*, 2017.

GARCIA, Rúbia. 4º Sarau Casa da Ponte. *Facebook*, 01/05/2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/rubia.garciadepaula/posts/1645351225493556>. Consultado em: 10/05/2017.

GRANGEIRO, Alessandra. *O ensino da literatura e da história: uma religação dos saberes*. Paris, 2016.

\_\_\_\_\_. *Quer Conhecer a História do Movimento Casa da Ponte?* - 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1098316126863738&set=a.400567673305257.107241.100000560842632&type=3&theater>>. Consultado em 11/05/2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Goiás - Itauçu. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/itaucu/panorama>>. Consultado em 06/04/2018.

JOSÉ, Chafi. *Nada é mais como antes* – memórias. Goiânia: Kelps, 2017.

JOSÉ, Raíssa Santos. *Itauçu*: memória fotográfica de uma cidade do sertão goiano. Monografia (TCC) – Universidade Estadual de Goiás, 2009.

HALBSWACHS, Maurice. *Memória coletiva* (2006) e Paul Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento* (2007).

HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos*. Companhia das Letras, São Paulo, 2º Edição, 2000.

MONFARDINI, Adriana. *O Mito e a Literatura*. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários. Volume 5, 2005.

MUSEU CASA DE CORA CORALINA. Disponível no seguinte endereço eletrônico: <<http://www.museucoracoralina.com.br/site/>>. Consultado em 09/05/2017.

PRADO, Lucinda. *A casa*. *Facebook*, 07/05/2013. Disponível no seguinte endereço eletrônico <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=3056834036350&set=a.1304997841540.34484.1728355799&type=3&theater>>. Consultado em 10/05/2017.